A recuperação do Ideal e revitalização urbana

No início de 1984, três arquitetos e nove estudantes de Arquitetura participaram de um projeto — promovido pela Sarca (Sociedade dos Amigos da Rua da Carioca e Adjacências), Inepac (Instituto Estadual do Patrimônio Artístico e Cultural) e Fundação Roberto Marinho — para a recuperação da Rua da Carioca e descobriram que o antigo Cine Ideal continuava existindo encoberto por uma sapataria. Publicamos uma das propostas de intervenção resultante deste projeto, apresentada pelos arquitetos Antônio Pedro Alcântara (responsável pelo projeto), Gerson Conforto e Júlio César Ribeiro Sampaio.

Localizado na Rua da Carioca n. 60, 62 e 64, no Centro do Rio de Janeiro, o Cine Ideal foi inaugurado no dia 2 de outubro de 1909 e começou a funcionar normalmente a partir de 9 de novembro. A primeira grande remodelação ocorreu em 1921, reabrindo em setembro com um "ato solene" com a presença do "Conselheiro Ruy Barbosa, representantes do prefeito e do chefe de polícia, congressistas, jornalistas, comerciantes e industriais, enfim toda uma assistência que primava pelos títulos que a recomendavam à sociedade[1]".

O cinema (que depois de 1926 passou a ser cine-teatro) era constituído por:

— uma sala de espera que se apresentava "ampla, elegante, mobiliada com apurado gosto, decorada artisticamente, refulgente de luz e ventilada agradavelmente[2]", contando ainda com um coreto ao fundo onde tocava uma orquestra de senhoritas regida pela Mlle. Maria Luísa. Essa sala de espera estava no sobrado que foi demolido para a passagem da Avenida Norte-Sul, já revogada. Hoje neste local funciona um pequeno estacionamento do Detran;

— um salão de espetáculos revestido de belíssimos azulejos ingleses, de motivos geométricos e florais, que formam uma faixa de aproximadamente dois metros de altura circundando todo o balcão e escadarias. As paredes foram pintadas por André Vento "em puro estilo árabe[3]". Não podemos deixar de mencionar a marcante presença de uma cúpula móvel, "elegantemente construída em cimento e ferro, ocupando cerca de duzentos metros quadrados", que eletricamente se abre em duas partes. Essa grande engrenagem que oferecia melhor ambientação e conforto ao público ficava aberta "nas *soirées* de verão". As estruturas que sustentam a construção são, na sua maioria, metálicas. Segundo os registros de época, a única cabine existente era feita em cimento e ferro, hermeticamente fechada.

A passagem da sala de espera para o salão de projeções se fazia por oito portas *(sic)*. Atualmente esses vãos se encontram vedados.

O salão de espetáculos continua praticamente inalterado, escondido por trás de uma sapataria de saldos. Grande parte dos azulejos ainda está conservada, o mesmo acontecendo com a cúpula e toda a estrutura metálica, que se encontram escondidos atrás de forros de gesso e madeira. A cúpula se apresenta praticamente intacta, só faltando a maquinaria que a movimentava. As pinturas do artista André Vento provavelmente estão por trás de uma posterior pintura e podem ser reconhecidas no local.

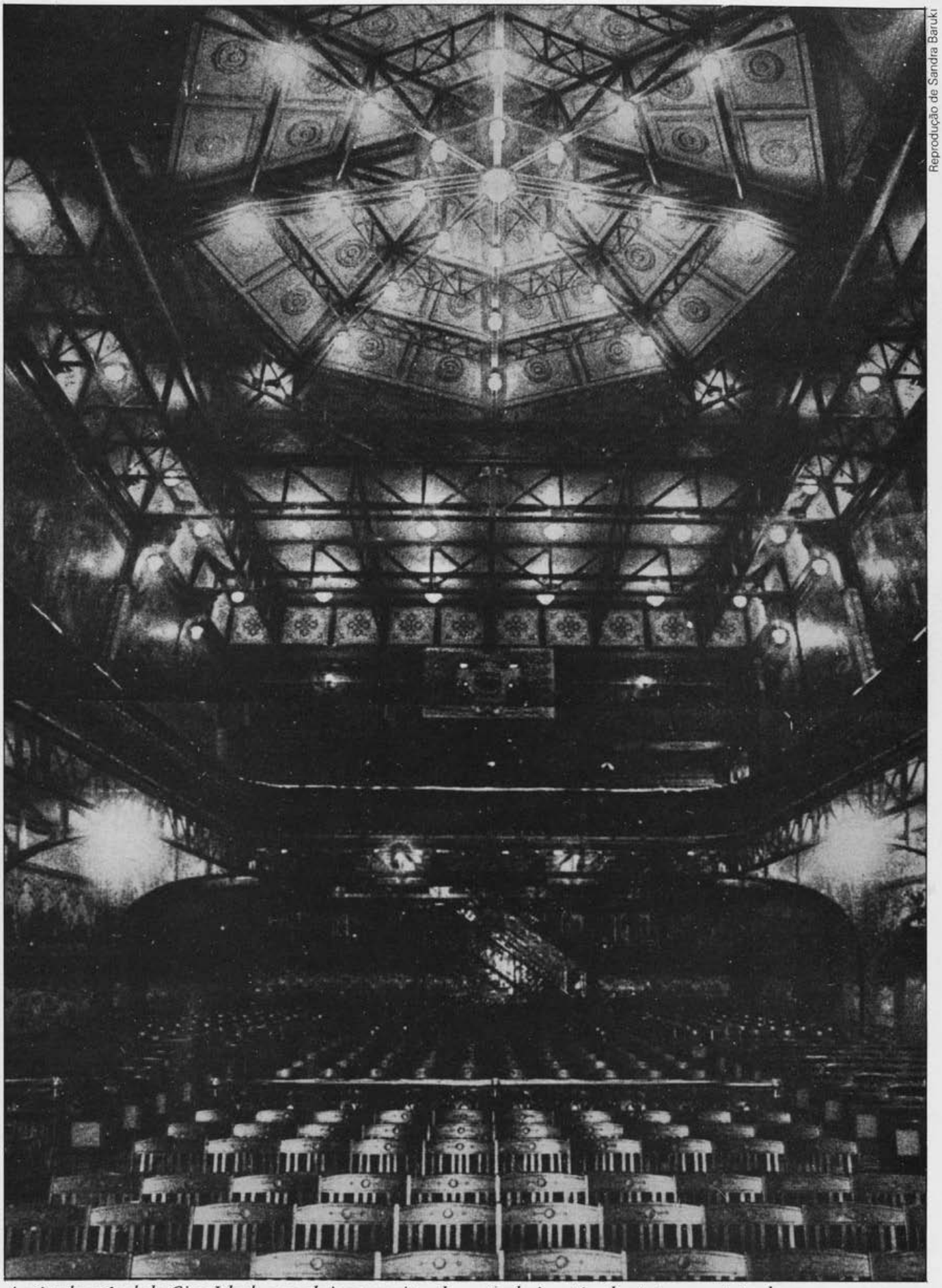
A área útil do andar térreo, no salão de projeção, é de aproximadamente 350m² e a do balcão é de cerca de 123m². A capacidade do cinema deveria oscilar entre 700 e 800 pessoas, apesar de a *Revista da Semana*[4] citar 2 mil espectadores.

A questão do cinema Ideal surgiu em 1984, durante os trabalhos de desenvolvimento do Projeto Sarca, na Rua da Carioca. Apesar de estar desativado há muito pouco tempo, o cinema Ideal caíra no esquecimento da população. As informações sobre sua localização eram as mais contraditórias. Muitos achavam que ele tinha sido demolido. Foi durante o levantamento do sobrado, atualmente ocupado pela sapataria Polar, que, surpreendentemente, foi encontrada sua sala de projeções praticamente intacta. Só fora demolido o *foyer*. O levantamento arquitetônico e fotográfico, assim como as pesquisas bibliográficas e iconográficas que resultaram no material aqui apresentado, foram executados pelo grupo de estudantes de Arquitetura que participava do Projeto Sarca.

A demolição do *foyer* foi conseqüência da implantação da chamada Avenida Norte-Sul, que cortava o centro da cidade, seguindo essa orientação, com a finalidade de desafogar o tráfego. Os problemas urbanos eram encarados, então, com uma visão predominantemente viária. Os dois grandes "vazios" existentes atualmente na Rua da Carioca são uma das conseqüências dessa política de desenvolvimento urbano. Felizmente as administrações Municipal e Estadual mudaram de política e "engavetaram" a Norte-Sul. Cabe-nos, agora, fechar as feridas por ela abertas no tecido urbano.

---

[1] *Revista Theatro & Sport*, n. 356, 3 set. 1921.
[2] Idem.
[3] Ibidem
[4] *Revista da Semana*.



Reprodução de Sandra Baruki

A cúpula móvel do Cine Ideal, que abria nas noites de verão, hoje está coberta por um teto de gesso.

Achamos possível e necessária a recuperação do Cine Ideal. É uma questão de opção pela preservação de valores que deverão nortear os destinos desta cidade. Será uma recuperação dispendiosa e não deverá ser encarada isoladamente. Por isso, foi nossa preocupação desde o início incluí-la num projeto mais abrangente de revitalização urbana, através do qual seria possível sensibilizar diferentes setores da população e, com isso, facilitar a captação de recursos.

Tentaremos explicar este Projeto de Revitalização Urbana. Durante a etapa de levantamentos do Projeto Sarca verificamos que os fundos dos lotes e os pavimentos superiores das edificações da Rua da Carioca eram muito mal utilizados, permanecendo semi-ociosos, ociosos e mesmo abandonados. Assim, ficou claro para nós que qualquer tentativa de revitalização deveria começar por essas áreas. Verificamos, também, que a recuperação do Cine Ideal exigiria a reconstrução de seu *foyer* no local onde existe atualmente o terreno baldio que liga a Rua da Carioca à Rua 7 de Setembro, e que através desse terreno é que se poderia penetrar mais facilmente nos fundos dos lotes e nos pavimentos superiores das edificações da Rua da Carioca e da Rua 7 Setembro.

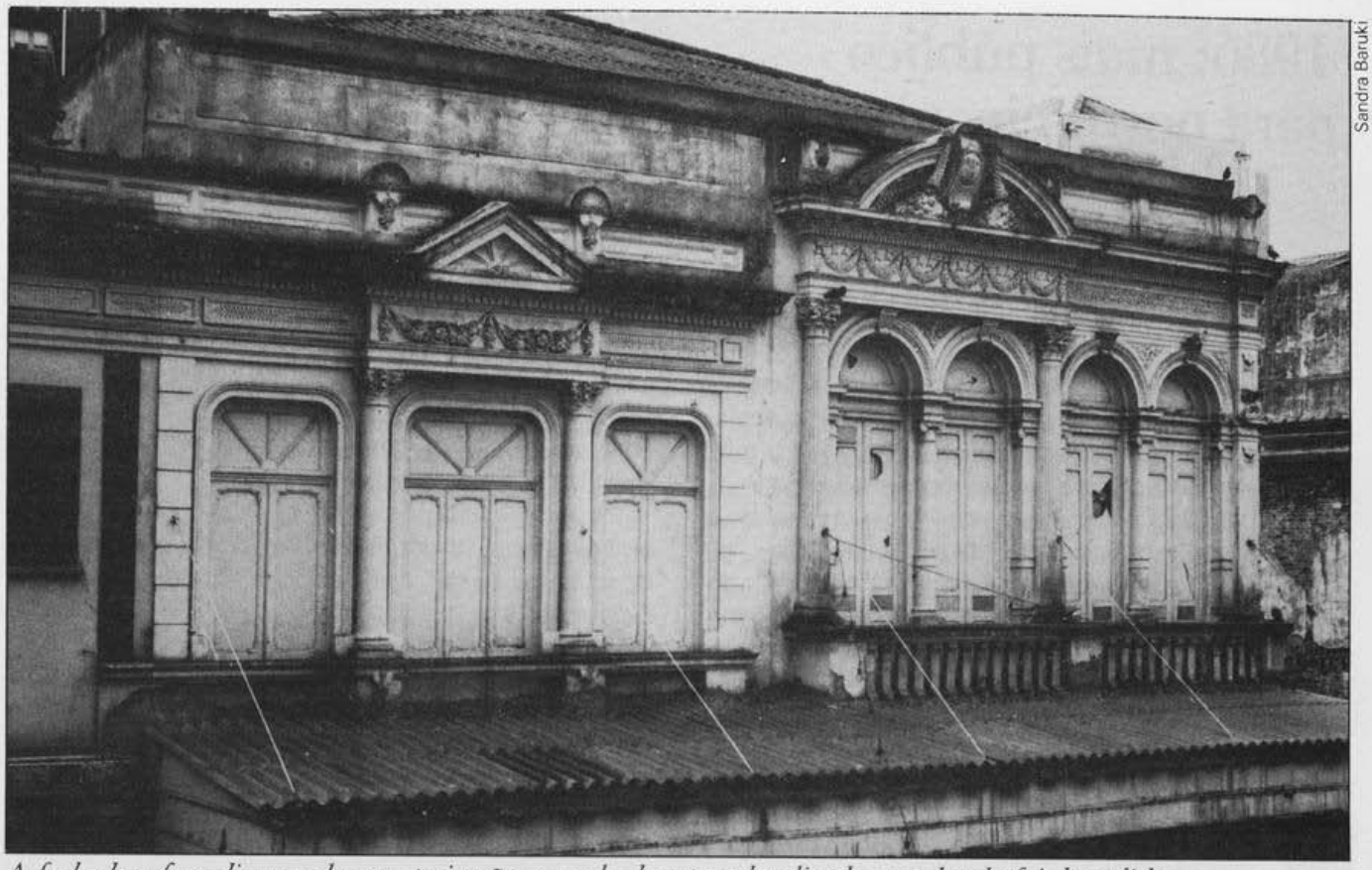
A idéia básica ocorreu-nos observando a fotomontagem feita por Sandra Baruki e os desenhos comparativos executados por Cláudia Carvalho, Marcos Sá, Marcos Olender, Carlos Barata e Wallace Caldas. Quem olha a fachada e penetra no prédio não imagina o que vai encontrar. O impacto é tão contundente, o contraste é tão marcante, que tudo soa, inicialmente, como paradoxal e absurdo, para em seguida, passada a surpresa, encantar. Pretendemos seguir o mesmo caminho expressivo. Começaremos por recompor a fachada, inclusive a parte demolida. Assim as pessoas, ao atravessarem as portas que supostamente darão acesso a uma edificação, se depararão de fato com um imenso aberto à maneira das galerias envidraçadas do século XIX. Olhando melhor, elas se verão diante de uma rua. Mas de uma rua diferente, porque lembra ora um pátio, ora um passeio, ora um *shopping*. Imaginemos, para esclarecer, um passeio por esta rua, entrando pela Rua da Carioca na direção da 7 de Setembro. No centro, a escadaria de acesso às passarelas do segundo andar e ao *foyer* do Cinema Ideal. À esquerda e à direita, o meio-fio do passeio insinua duas transversais. Entremos inicialmente pela da esquerda; abre-se diante de nós um pequeno "beco" para o qual convergem 12 lojas ou boxes a serem ocupados por bares, oficinas etc., inclusive uma das "saídas" do cinema Ideal. O espaço é fechado, compacto, sombreado, calmo, quase intimista; nada que lembre a agitação e o barulho das ruas próximas.

Mas voltemos à galeria e vamos procurar a entrada à direita; ela é estrangulada. Ultrapassando-a, vemo-nos diante de uma rua, na verdade uma ruela, estreita e sinuosa. Já não estamos no Rio de Janeiro deste século, mas num espaço quase medieval que, timidamente, faz revelações surpreendentes em cada esquina. Potencialmente ela pode dar acesso a 46 lojas ao nível térreo.

Voltemos de novo à galeria para subir ao segundo pavimento das edificações. As passarelas que correm ao longo da galeria dão acesso a aproximadamente 10 lojas e ao *foyer* do cinema. Delas partem também dois corredores que penetram no miolo do quarteirão e, através de ramais, dão acesso a cerca de 120 áreas que poderão ser utilizadas para os mais variados fins, inclusive habitacionais. Achamos que não é necessária uma sensibilidade excepcional para captar o potencial de beleza que atualmente está escondido dentro desses casarões.

Consideramos que a utilização destes espaços para fins habitacionais é um dos usos mais recomendáveis para a área central do Rio de Janeiro. É necessário que a função habitacional reconquiste os espaços que perdeu nessa área. Esses espaços seriam reservados para pessoas solteiras e casais jovens ou idosos sem filhos, de preferência que trabalhem nas proximidades. A seleção poderia ser feita pelos sindicatos de comerciários, bancários ou de outras categorias profissionais.

A revitalização da área central do Rio de Janeiro é um desafio enorme. Afinal, trata-se de reverter uma tendência aparentemente irresistível. Articular a recuperação do visual das edificações com a revitalização do seu uso é o passo indispensável que o Corredor Cultural iniciou. É preciso prosseguir com eles superando todos os obstáculos. A nossa proposta não pode ser executada de um só fôlego. Deverá obedecer a etapas, utilizando o chamado efeito demonstração. A revitalização através de corredores que penetram progressivamente nas edificações, funcionando como verdadeiras injeções de recuperação das suas partes mais esclerosadas, será mais ou menos rápida de acordo com a receptividade encontrada entre os atuais usuários dos prédios. Nesse sentido, a participação de organizações e instituições como a Sarca, a Embrafilme, o Corredor Cultural, o Inepac e os sindicatos profissionais parece-nos fundamental.



Sandra Baruki

A fachada sofreu diversas descaracterizações e a sala de espera localizada no sobrado foi demolida.

Arquivo da Cidade

Inaugurado em 1909, antes do Íris, o Cine Ideal funcionou até o início dos anos 60 na Rua da Carioca.